

REAÇÕES DE ALGUNS LEITORES IRRITADOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Desde que escrevo nas colunas dos jornais, e nisto já estou em caminho das bodas de prata, não me lembro de ter recebido tantas reclamações e tantos desaforos como os que agora recebo a propósito do que publiquei sobre os sucessos russos. E observe o leitor que nem sempre meus artigos foram destituídos de certa pugnacidade. Ao contrário, e por força das circunstâncias, andei metido em campanhas, em brigas, em polémicas, em debates, mas não me lembro de ter suscitado tão vivas animosidades como as que me chegam hoje pelo correio e pelas colunas dos jornais. Parece que, com imperdoável imprudência, feri melindres delicadíssimos no que escrevi a respeito da falecida cadela soviética. Parece que cometi sacrilégio quando ousei duvidar do peso do segundo satélite. O fato é que numerosos leitores se irritaram. Um me chamou de burro, outro de macaco. De cachorro ninguém me chamou, talvez porque, depois da fancha da cadela russa, seja considerado elogioso tal tratamento. Em compensação, deram-me muitos outros tratamentos que não posso aqui reproduzir.

Entre os numerosos missivistas — deixando de lado os insultuosos, os pornográficos e os anônimos — destaca-se o paulista, que assina Sérgio Anibal, e que me acusa de ser porta-voz dos propagandistas do ocidente. Diz assim o sr. Sérgio: "S. S. a, sr. Corção, deve saber que um homem, que se compraz em aceitar, ouvir, repetir e insistir, no que outrem lhe inculca, velada, aberta e persistentemente, é o que entre nós, é conhecido por "macaco ensinado..."

Eu me alegro muito que "entre vós", caro sr. Sérgio Anibal, exista tão sã e democrática reação contra a propaganda. De um modo geral dou muito pouco crédito a qualquer propaganda, seja política, seja comercial. Mas como em tudo, há na minha incredulidade uma hierarquia. No setor comercial dou muito pouco crédito aos anúncios edificantes de um Santos Whalis e aos mirríficos elogios de sabões e beberagens; mas dou algum crédito a anúncios menos pomposos e mais facilmente verificáveis, como por exemplo o de um terreno em Jacarépaguá com vinte metros de frente por cinquenta de fundos. No setor político não costumo dar grande valor a nenhuma declaração oficial, mas acredito um pouco mais no que diz o governo americano do que no que diz o governo russo, por uma razão de transparente simplicidade: nos Estados Unidos há americanos que podem desmentir o próprio governo, coisa que não se verifica na Rússia. Espero que o sr. Sérgio Anibal possa compreender o valor que dou a essa pequena diferença e que passe a adotar esse sadio critério. Creio que já disse e repito: minha recusa de crédito às comunicações que vêm dos países totalitários não é só uma atitude de disciplina mental, é também a modesta homenagem que tributo aos contraditórios fuzilados por esses países. Será o sr. Sérgio capaz de simpatizar com essa homenagem? Creio que sim, porque é ele mesmo, na mesma missiva, que me ensina: "O verdadeiro intelectual, sr. Corção, do meu modesto entender, é equidistante a um cientista, não pode

e não deve ser induzido por outros, tem que ser livre..."

Muito bem. Estou com o sr. Sérgio Anibal: o intelectual tem que ser livre. O intelectual não deve receber de ninguém, estado ou partido, instruções para a linha a seguir em suas pesquisas. Não deve submeter-se a diretrizes políticas, como na Rússia aconteceu com os geneticistas e como acontece com os psicólogos, que não têm permissão de estudar Freud. E não é só o intelectual que deve gozar o privilégio de ser livre, na minha filosofia: é também o homem comum, o homem desprezioso como o próprio sr. Sérgio.

Quando escrevi alguns artigos contra as homenagens que aqui tributaram ao Craveiro Lopes, apareceram-me uns portugueses afáveis e conciliadores que me perguntaram se eu tinha lido os últimos discursos do exmo. sr. Oliveira Salazar. Tive que explicar que não costumo ler discursos de quem fala sozinho pela mesma razão que não costumo ler as cartas anônimas. Reputo perda de tempo, e considero que esse é o tratamento adequado para quem comete a indignidade de se abrigar no anonimato ou no poder absoluto. Ora, o que digo de Craveiro aplica-se a Krushev. A mordada é a mesma embora seja um pouco diferente a motivação. Amordaçar em russo ou em português vem a dar no mesmo silêncio, que não tem idioma, ou no mesmo defunto, que também rompeu as barreiras do som.

Um outro missivista, um pouco mais cordial, escreve-me porque gosta de meus artigos e agora anda atropelado pelos companheiros que estão "gozando" sua antiga simpatia. Assina-se S. Soares, e do Rio, e cobra-me o que disse da idéia da ração envenenada para a cadela e dos quinhentos quilos do satélite. A respeito do primeiro problema pergunta se desconheço a existência de máquinas automáticas, reguladas por sistemas de relógios, capazes de fornecer a ração em horas previamente determinadas. Não desconheço, amigo Soares, a existência dessas máquinas. Sou até capaz de desenhar um modelo, com controles eletrônicos, se o amigo está interessado em mecanizar suas refeições. Se duvida, sugiro que vá a Caxias, no posto da Companhia Telefônica Brasileira, onde poderá ver uma aparelhagem por mim projetada e realizada, com dispositivos automáticos que reputo mais complicados do que a máquina de dar três rações a um cachorro. Aeho apenas engraçada a idéia de onerar o satélite artificial com esse dispositivo que só serviria para apaziguar os membros da Sociedade Protetora dos Animais. Disse eu, por escrito, que não levo a sério a história da ração, da máquina, e do próprio cachorro, porque não posso ter nenhuma comprovação desses dados. Da existência dos satélites não duvido porque tenho informação de outras fontes menos suspeitas. Foi ouvido o bip, bip, bip... e foi determinada a órbita aproximada do satélite.

Quanto ao peso, o amigo Soares me pergunta: "Não existem nos observatórios do mundo inteiro aparelhos para verificar o peso de um corpo no espaço, conhecida a sua velocidade e sendo visível?" Ora, aqui sou forçado a dizer ao sr. Soares que não existem esses aparelhos. E dou-lhe um bom conselho: não acredite demais em aparelhos.

E' perigoso, para a sua boa formação mental, acreditar excessivamente em aparelhos. Explique aos amigos que gozaram sua simpatia que não se pode determinar o peso de um corpo celeste por sua velocidade. Esse dado não basta para a determinação da massa. Entre parêntesis observo que é melhor dizer massa e não peso. A massa de um corpo celeste pode ser determinada pela influência que ele exerce sobre outro e não por sua própria velocidade. A massa de Júpiter, por exemplo, é determinada pelo tempo de revolução de seus satélites, sendo conhecida a distância, ou melhor, os parâmetros das órbitas desses mesmos satélites. As massas dos satélites de Júpiter são determinadas, com precisão menor, pela influência que um exerce sobre a órbita dos outros. Antes das teorias modernas que vieram dar maior precisão aos problemas desses tipos, a determinação das massas baseava-se na equação fundamental de Newton e no valor da constante gravitacional G, determinada pela primeira vez por Cavendish, em 1798. As fórmulas modernas têm maior precisão mas baseiam-se no mesmo tipo de dados observados, isto é, na influência que uma massa exerce sobre outra. Fora disto há ainda um modo de achar as massas das estrelas pela análise espectral, pela fotometria e pela correlação estatística com estrelas de mesmo tipo cuja massa foi determinada pelo processo clássico graças a uma dupla. Mas aparelho para determinar massa em função da velocidade não existe nem pode existir. Ora, no caso do satélite russo é inteiramente inapreciável a influência que ele exerce sobre a órbita da Terra, sobre as marés, ou sobre a órbita da Lua. Sua massa é, pois, um artigo de fé.

Se o amigo Soares deseja uma inofensiva vingança diga aos companheiros (aos tais que o gozaram) que desde o remoto ano de 1908, há cinquenta anos, eu sei que se pesam os corpos celestes por aplicação da lei de Newton e que estou à disposição deles para maiores detalhes. Diga-lhes também que tiveram azar no caso que escolheram para provar minha crassa ignorância, porque, embora seja eu ignorante em um sem número de coisas, acontece que sempre tive gosto pela astronomia e até cheguei a trabalhar nela, profissionalmente, alguns anos.

A moralidade que se tira desses casos é bizarra. Os assuntos comuns, sobre os quais todos têm direito de pronunciamiento, como por exemplo a autocritica de Zúkhov, ou o massacre dos patriotas húngaros, ou a liberdade de opinião, são desdenhados em favor dos assuntos especiais. O homem da rua, o munícipe, o modesto operário paulista ou o humilde comerciante gaúcho, com os quais eu teria muito prazer de conversar sobre política e sobre o bem comum, desinteressam-se dessas coisas, e querem dar lições de mecânica celeste. Os russos conseguiram essa ressonância da universal tolice. Sua mágica desviou a atenção do mundo. Fez até esquecer a campanha da utilização pacífica da energia nuclear, que era bandeira deles anos atrás. E os mesmos admiradores que cantavam o pacifismo soviético agora se extasiam diante de seu poderio bélico e das ameaças do sr. Krushev.

SIMPLESMENTE

— Amigo!
— Oh!
— Em que ia pensando?
— Ia pensando no céu...
— No céu?
— Por causa de um vinho... de outra vida, em outro tempo, com outros pensamentos, outras roupas... Era bonita a vida!
— Espere... Que tem o céu com isso?
— Ah! tem muito. O céu, ate segunda ordem, é a eternidade: não muda e não se detem. Lá não há vinho, nem antigo nem novo. No máximo, no céu só se usa licor, com qualquer adjetivo. Em seguida à invenção da tipografia não tendo que fazer mais manuscritos, os religiosos dos mosteiros fizeram licores. Esqueceram-se das receitas dos manuscritos, guardaram as dos licores. O que se escreve, fica. O que se bebe, não. Junto dos anjos, um Beneditino, por exemplo, não parecerá mal.
— Sim... porém junto de certas pessoas que pretendem conseguir o céu, nenhum licor melhorará a situação...

— Nenhum. Nessas circunstâncias, há muitos anos, na terra, o remédio é a água de Melissa. Os primeiros fabricantes de Água de Melissa também estão no céu.

— Ao lado de Hipolyto José da Costa Pereira Furtado de Mardança.

— Quem?

— O jornalista mais notável do Brasil e Portugal no começo do século 19. Esteve preso ou por ordem da Inquisição ou por ordem de um discípulo dela, o ministro Rodrigo de Souza Coitinho. Fugiu para Londres, publicou em Londres, de 1808 a 1823, o "Correio Brasiliense", revista mensal consagrada "à defesa das instituições livres de Portugal, e da independência do Brasil". Para responder ao "Correio Brasiliense", "combater-lhe as doutrinas", foi fundado na capital da Inglaterra o "Investigador Português", pago pelo governo do Rio de Janeiro. Entretanto, pelas doutrinas de Hipolyto da Costa, mal respondidas, o Brasil se libertou de Portugal. O primeiro imperador quis "o hábil escritor" aqui. Ele preferiu assistir de longe ao desenvolvimento do império. Morreu com quarenta e nove anos. Ganhou uma rua em Vila Isabel. Os bibliófilos o estimam muito. Vovô Hipolyto!

— É parente dele?
— Sou parente de todo o mundo. Mas que família, meu amigo! que família!

ALVARO MOREYRA

SECÇÃO DO PROTOCOLO DA SECRETARIA GERAL

RIO, 4 (C. P.) — Foi designado pelo diretor superintendente Central do Brasil, para a Secção do Protocolo da Secretaria Geral daquela república, durante o período de encargo de mentares do encargo, o sr. Jaime Monteiro de Barros, escrivão Arquivo e Biblioteca Bourbon.

A PO